

REORGANIZAÇÃO DA LINGUAGEM NA DISARTRIA

REORGANIZATION OF LANGUAGE IN DYSARTHRIA

Daniela Pereira de Almeida RUAS¹Nirvana Ferraz Santos SAMPAIO²Vera PACHECO³

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo investigar aspectos linguísticos da linguagem oral em funcionamento no sujeito disártrico RA, além de avaliar a organização rítmica da fala desse sujeito utilizando a leitura de textos como ferramenta para reorganização de sua fala. O sujeito em questão foi vítima de um acidente automobilístico aos 28 anos de idade, permaneceu em coma por 27 dias, devido a um traumatismo craniano, apresentando, com isso, a disartria como sequela, uma patologia de linguagem ocasionada por distúrbios neurológicos. Para o desenvolvimento deste estudo, buscou-se dos conhecimentos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva (ND) que estuda a relação linguagem-cérebro, relação esta que envolve elementos cognitivos, sócio-culturais, linguísticos e psíquicos; e dos conhecimentos Fonéticos e Fonológicos, especificamente sobre o ritmo da fala de RA, em seus aspectos prosódicos. A importância deste trabalho se deve ao fato de a maioria dos trabalhos sobre disartria tratar esse distúrbio apenas como uma alteração motora, deixando de lado os aspectos neurolinguísticos que envolvem essa patologia de linguagem. Os resultados indicam que as alterações rítmicas interferem na compreensão da fala de RA, por parte dos interlocutores. Essas alterações dizem respeito, mais especificamente, ao número e local em que essas pausas acontecem.

PALAVRAS-CHAVE: Disartria. Funcionamento da linguagem. Ritmo.

ABSTRACT: The present article aims to investigate linguistic aspects of oral language in operation in the subject dysarthritic RA, as well as to evaluate the rhythmic organization of the speech of this subject using the reading of texts as a tool to reorganize their speech. The subject in question was the victim of an automobile accident at the age of 28 years. He remained in a coma for 27 days, due to a head trauma, thus presenting dysarthria as a sequel, a language pathology caused by neurological disorders. For the development of this study, we have used the theoretical and methodological knowledge of the Discursive Neurolinguistics (ND), which seeks to study the language-brain relationship, which involves cognitive, socio-cultural, linguistic and psychic elements; and Phonological and Phonological knowledge, specifically on the rhythm of RA speech, in its prosodic aspects. The importance of this work is due to the fact that most of the works on dysarthria treat this disorder as a motor alteration, leaving aside the neurolinguistic aspects that

1. Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, Bahia/Brasil CEP: 45083-900. E-mail: danidpda@gmail.com. Pesquisa financiada pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

2. Coordenadora do projeto e orientadora. Professora Doutora em Linguística, líder do Grupo de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (GPEN/CNPq/UESB) e lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, Bahia/Brasil. CEP: 45083-900. E-mail: nirvanafs@terra.com.br

3. Doutora em Linguística. Docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do mestrado Profissional em Letras. Campus de Vitória da Conquista, Bahia/Brasil. CEP: 45083-900 E-mail: vera.pacheco@gmail.com.

involve this language pathology. The results indicate that the rhythmic changes interfere in the understanding of RA speech by the interlocutors. These changes relate more specifically to the number and location of these breaks.

KEYWORDS: Dysarthria. Functioning of language. Rhythm.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os estudos sobre disartria, sob um posto de vista linguístico, são fundamentais para um maior conhecimento sobre essa patologia, contribuindo, assim, para o aprimoramento da teoria Neurolinguística sobre esse distúrbio da linguagem. Dessa forma, apresentam-se conceitos de grande importância para uma investigação sobre a reorganização da linguagem na fala disártrica, tais como: ritmo e pausa, a fim de tratar os distúrbios da linguagem do sujeito disártrico RA com maior clareza.

O tema aqui abordado apoia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística, e mais especificamente, em uma orientação discursiva da linguagem, proposta pela Neurolinguística Discursiva (doravante ND). A ND defende a prática de situações enunciativo-discursivas, como situações de avaliação de sujeitos com patologias de linguagem no acompanhamento longitudinal, por acontecer nesse contexto uma produção linguística prospectiva. Os dados aqui analisados foram selecionados por meio da leitura de textos feita por RA, em que a leitura é tida como uma ferramenta para conter a velocidade de fala desse sujeito, visto que a sua fala espontânea acontece de maneira bastante acelerada.

A velocidade de fala de RA sofre alterações em decorrência das inserções de pausa. Essas pausas são colocadas de forma a dividir os enunciados causando estranhamento aos interlocutores. Com isso surge a seguinte pergunta: Quais aspectos prosódicos podem ser alterados na fala desse sujeito e como o investigador pode intervir para ajudar na reorganização rítmica da fala de um sujeito disártrico? Acredita-se que a disartria afeta a linguagem oral em funcionamento do sujeito RA, especificamente o padrão rítmico, a saber, o excesso de colocação de pausas e a alteração na duração sintagmática, tornando a fala acelerada.

O objetivo deste artigo é investigar aspectos linguísticos da linguagem oral em funcionamento no sujeito disártrico RA, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Neurolinguística Discursiva, além de avaliar a organização rítmica da fala de RA, utilizando a leitura de textos como ferramenta para reorganização de sua fala.

A disartria é uma modificação da produção da fala ocasionada por um distúrbio neurológico, decorrente de uma alteração do sistema nervoso central e/ ou periférico, provocado por um Traumatismo Crânio-Encefálico (TCE) ou tumores. É uma patologia de linguagem que compromete a organização e execução da linguagem oral de RA.

Este trabalho justifica-se pelo fato de a maioria das pesquisas voltadas para a disartria avaliar a fala do sujeito disártrico com base em questões motoras, ou seja, os autores olham para as dificuldades prosódicas e articulatórias do ponto de vista fisiológico, e enfatizam apenas a perda decorrente da disartria, não considerando o valor linguístico presente nos aspectos prosódicos e articulatórios na produção da fala.

Enfatiza-se neste artigo a importância de olhar para o sujeito disártrico como um sujeito de linguagem, que, apesar de suas dificuldades ao se comunicar, também se constitui pessoalmente através da enunciação. Daí a necessidade de enxergar para além da produção motora na fala disártrica, pois é preciso observar os mecanismos que o sujeito disártrico utiliza para se fazer entender e constituir-se como sujeito de linguagem ao colocar a língua em funcionamento.

Essa temática será trabalhada neste artigo na seção 3, disartria: uma patologia de linguagem, em que serão discutidos os aspectos teóricos sobre a disartria como patologia de linguagem; na seção 4, ritmo, caracterizado como a área mais afetada no funcionamento da linguagem na disartria; e seção 5, a fala de um sujeito disártrico e sua estruturação rítmica, em que serão analisados os dados, obtidos por meio de leitura de textos, que descrevem a fala de RA.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para estudar o funcionamento da linguagem na disartria utilizou-se como metodologia os pressupostos metodológicos da ND, que consistem no levantamento bibliográfico relevante para o embasamento teórico que sustenta a pesquisa em desenvolvimento, e também no acompanhamento longitudinal realizado por meio de sessões realizadas uma vez por semana com o sujeito disártrico. O sujeito em questão, RA, foi vítima de um acidente automobilístico aos 28 anos de idade, permaneceu em coma por 27 dias devido a um traumatismo craniano, apresentando, com isso, a disartria como seqüela. Neste artigo, são apresentados, também, dados de estudo experimental com a comparação da leitura realizada por RA e JM, sujeito coetâneo de fala típica.

No decorrer do acompanhamento longitudinal, foram selecionadas atividades que buscam inserir o sujeito disártrico em situações dialógicas que fazem sentido para os que com ele convivem, isto é, em uma situação normal de linguagem. Dessa forma, a ND entende o sujeito disártrico como um produtor de discurso, possibilitando que este se insira em práticas verbais, utilizando, também, processos linguísticos de significação para estabelecer a linguagem.

Para a constituição do *corpus*, foi gravada e transcrita a fala de RA em atividades significativas e também por meio da leitura de textos para seleção dos dados-achados. Considera-se o dado-achado como detalhes, indícios que guardam relação com aquilo que o investigador se propõe a compreender do ponto de vista teórico. Coudry (1996) caracteriza como dado-achado os dados obtidos através do acompanhamento clínico. Esses dados, segundo a autora, “originam-se de uma prática com a linguagem, e não podem ser inventados” (COUDRY, 1996, p. 182).

Para as sessões de acompanhamento longitudinal, foram planejadas atividades sistematizadas de leitura a partir de textos como: fábulas, histórias em quadrinhos, piadas, revistas, panfletos, músicas e atividades de jogos; a partir dessas sessões, foram coletados dados de fala do sujeito RA. Essas sessões foram realizadas no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN). Em relação à coleta de dados experimentais, foram gravadas a leitura de um parágrafo de um texto realizada por RA (sujeito disártrico) e por JM (sujeito não disártrico), para serem comparadas, foi utilizada uma câmara acústica para a produção dos sons sem interferência do meio, a coleta foi realizada no Laboratório de Pesquisa em Fonética e Fonologia (LAPEFF). O LAPEN e o LAPEFF pertencem à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Dessa forma, foram relacionados teoria e dado através da análise do material coletado.

DISARTRIA: UMA PATOLOGIA DE LINGUAGEM

A Neurolinguística Discursiva é um campo recente na Linguística e os seus estudos foram iniciados por Maria Irma Handler Coudry, na década de 80 do século XX. A ND se interessa em estudar a relação linguagem-cérebro, relação que envolve elementos cognitivos, sócio culturais, linguísticos e psíquicos. Essa abordagem objetiva analisar a linguagem em funcionamento em sujeitos que apresentam uma patologia de linguagem, contrapondo a uma avaliação em meio a práticas descontextualizadas baseadas em atividades metalinguísticas.

Para a ND, é de fundamental importância, como método de investigação, o acompanhamento longitudinal com o sujeito, no qual é possível avaliar a sua

linguagem através da reflexão de suas dificuldades e dos recursos que ele utiliza para se comunicar.

A partir dessas concepções, Freire (2005) expõe que:

A Neurolinguística de orientação discursiva busca compreender como esse sujeito – que fala sob estas condições históricas e psico-afetivas, que opera nos limites de regras sociais mais ou menos comuns – coloca a linguagem em funcionamento sem que se possa, de antemão, prever como dela faz uso. A imprevisibilidade de seus enunciados, no entanto, não é de forma alguma incompreensível, mas está longe de ser um comportamento homogêneo (FREIRE, 2005, p. 134).

A ND apresenta como um dos seus objetivos o estudo de patologias de linguagem e dentre elas a disartria. Essa é caracterizada como uma alteração da fala ocasionada por um comprometimento no sistema nervoso central e/ou periférico, decorrente de uma lesão, como aponta Melle (2007),

[...] la disartria es una afectación neurológica del sistema nervioso central y/o periférico que produce dificultades en la programación o la ejecución motora dando lugar a la presencia de alteraciones en el recorrido muscular, la fuerza, el tono, la velocidad y la precisión de los movimientos realizados por la musculatura de los mecanismos que participan en la producción, esto es, en la respiración, la fonación, la articulación y la resonancia. (MELLE, 2007, p. 13-14)⁴

Essa alteração pode ser resultante de um traumatismo craniano, quando há um “deslocamento” do cérebro, causando lesões motoras e difusas, em níveis cerebelares, corticais e subcorticais, ou de origem degenerativa. Nesse caso, Lemos (1984) mostra que “[...] as sequelas desses traumatismos variam de acordo com a amplitude e a localização das lesões e a capacidade da parte do cérebro, que se manteve intacta, de poder exercer uma ação que possa suprir a deficiência da que foi afetada” (LEMOS, 1984, p. 41).

Em relação à linguagem em funcionamento na disartria, ocorrem modificações na respiração, na fonação, na ressonância e na articulação da fala, como descrito por Melle (2007), que afetam aspectos linguísticos como supressão de letras e sílabas. Outras consequências dessa patologia estão relacionadas à prosódia, em que o ritmo na produção da fala pode ser afetado.

4. A disartria é um distúrbio neurológico do sistema nervoso central e/ ou periférico que produz dificuldades na programação ou na execução motora, dando lugar à presença de alterações nos movimentos musculares, na força, no tom, na velocidade e na precisão dos movimentos realizados pela musculatura dos mecanismos que participam da produção, isto é, na respiração, na fonação, na articulação e na ressonância. (Tradução nossa).

Conforme Vieira (2007), em condições normais, “a fala tem uma função linguística, de organização do seu discurso e, conseqüentemente, não acontece em qualquer lugar e de qualquer forma: a pausa participa da produção, da percepção e da organização rítmica das mensagens orais” (VIEIRA, 2007, p. 22).

Segundo esse autor, o ritmo apresenta um papel fundamental na organização da fala e é por meio dessa organização que o sujeito consegue fazer-se compreendido em situações comunicativas.

Com base nos estudos em prosódia, buscou-se olhar para aspectos linguísticos presentes na alteração do ritmo da fala, pois, conforme Cagliari (1992), os elementos prosódicos não podem ser separados de elementos linguísticos.

Em se tratando da produção da fala, essa é composta por gestos articulatorios acionados pelo sistema neuromotor, controlada pelas atividades cognitivas do falante. Rodrigues (1989) denomina de gesto articulatório “[...] a toda movimentação de órgãos fono-articulatório (OFA) cujo objetivo seja produzir um som modulado com ou sem significado linguístico” (RODRIGUES, 1989, p. 15). Como mostra Felizatti (1998), na disartria, os órgãos fono-articulatórios são afetados, comprometendo os padrões de movimento, precisão, coordenação e velocidade, afetando, conseqüentemente, a produção da fala.

A maioria dos estudos voltados para a disartria caracteriza essa patologia de linguagem apenas como conseqüência dos transtornos motores decorrentes de lesão cerebral, como mencionado pelos autores Melle (2007) e Felizatti (1998). Dessa forma, as dificuldades linguísticas, e mais especificamente prosódicas e articulatorias, são avaliadas sob o ponto de vista orgânico e fisiológico, enfatiza-se a perda decorrente dessa patologia, e desconsidera-se, assim, o valor linguístico nos aspectos prosódicos e articulatorios do funcionamento da linguagem.

Darley, Aronson e Brown (1969a), citado em Murdoch (2005), dizem que “a disartria designa problemas na comunicação oral devido à paralisia, fraqueza e incoordenação da musculatura relacionada à fala” (MURDOCH, 2005, p. 17). Com essa afirmação, os autores declaram que se apoiam na produção motora e suas alterações para estudar a disartria.

Segundo esses estudos, para que a fala disártrica seja comprometida em níveis linguísticos, primeiro é necessário um comprometimento na produção motora responsável pela articulação. Iliovitz (2004), com base em Felizatti (1998), afirma que

[...] a disartria corresponde a uma desordem na produção motora que afeta os padrões de movimento, precisão, coordenação e força dos órgãos fono-articulatórios. Além disso, envolve lesões motoras

de origem geralmente traumática no sistema nervoso central, em níveis cerebelares e subcorticais configurando comprometimentos fonético-fonológicos causados pelo enfraquecimento dos músculos fonatórios (ILIOVITZ, 2004, p. 01).

O presente artigo, por meio de seus autores, defende que a disartria por ser uma lesão difusa compromete também áreas do cérebro responsáveis pela linguagem, pois compreende-se que os transtornos do Traumatismo Crânio-Encefálico podem ser consequência direta nas alterações linguísticas na disartria, sem que necessariamente ocorra uma desordem motora que prejudique os órgãos fono-articulatórios.

Por ser a disartria uma patologia de linguagem, cujas alterações se destacam os transtornos prosódicos, será apresentado um breve estudo sobre esse tema, principalmente, no que se refere ao ritmo para uma melhor compreensão sobre a (des)organização da fala disártrica, com enfoque na análise da inserção de pausa feita por RA.

RITMO

A área mais afetada no funcionamento da linguagem na disartria diz respeito à prosódia, e mais especificamente à organização do ritmo da fala.

A prosódia é um campo de investigação de interesse da Linguística e mais especificamente da Fonética e Fonologia, áreas que, por meio de modelos teóricos, se interessam por compreender a relação da prosódia com a fala e a linguagem, e com a língua como um todo.

Para uma melhor compreensão sobre essa abordagem da linguagem na disartria, é preciso observar e compreender os estudos da linguagem que abordam o ritmo como fundamental na organização da língua em todos os seus aspectos.

Ao tratar sobre ritmo, deve-se considerar dois aspectos intrinsecamente relacionados a ele, tempo e duração. Para a percepção do ritmo, ocorre uma repetição de uma unidade rítmica que se desdobra no tempo.

A repetição de certo modo segmenta o contínuo do movimento em pedaços. Esses pedaços ou unidades rítmicas, obviamente, possuem uma certa duração que pode ser medida e controlada pelo observador e, portanto, podem ser comparadas com a expectativa que se tem delas (CAGLIARI, 2007, p. 132-3).

Para a investigação prosódica na fala disártrica observou-se três parâmetros, dentre outros, fundamentais para a manutenção do ritmo na fala, são eles: duração; velocidade de fala; e pausa.

A duração, que é um parâmetro rítmico relacionado ao tempo gasto na produção de determinado segmento, sílaba ou enunciado, que ora são emitidos por meio de um alongamento ora por meio de redução no tempo de produção, ou, como nas palavras de Crystal (2000), “[...] é a extensão de tempo envolvida na articulação de um som ou sílaba. A duração absoluta dos sons da fala, até certo ponto depende do tempo global do enunciado” (CRYSTAL, 2000, p. 89).

A velocidade de fala, que, conforme Cagliari (2002), diz respeito ao “[...] modo mais acelerado ou desacelerado (retardado) de falar em contextos longos” (CAGLIARI, 2002, p.27), ou seja, a velocidade com que são produzidos os segmentos, sílabas ou enunciados.

A pausa, que, por sua vez, pode ser definida como a “[...] suspensão da elocução que ocorre, normalmente, na fronteira de constituintes ou segmentos” (BALIEIRO JR, 2001, p. 122). A pausa é usada, em momentos oportunos pelo falante, para a respiração durante a fala. Cagliari (1992) diz que “o uso de pausa ‘fora do esperado’ representa uma hesitação, o que revela uma re-organização do processo de produção da fala [...]” (CAGLIARI, 1992, p. 143). Existe também a pausa estratégica, que, segundo Cagliari (2002), é utilizada pelo falante para retomar e preencher espaço no ritmo.

Assim, pode-se afirmar que a regularidade percebida, que é o que caracteriza o ritmo, é obtida pela combinação e organização das pausas inseridas, da velocidade com que um enunciado é proferido e pela duração com que o mesmo é realizado.

A FALA DE RA E SUA ESTRUTURAÇÃO RÍTMICA

Esta seção está dividida em dois itens. No primeiro item, será apresentada uma discussão sobre a reorganização da linguagem de RA a partir da intervenção do sujeito pesquisador/mediador ao apresentar a esse sujeito um modelo de leitura e inserção de pausas e, no segundo item, apresenta-se uma análise comparativa entre as pausas realizadas por RA (em uma condição de leitura atípica) e as de JM (em uma leitura típica).

4.1 Reorganização da linguagem de RA: um sujeito disártrico

Em meio a práticas enunciativo-discursivas, em meio a reversibilidade de papéis (COUDRY, 1988), ou troca de turnos conversacionais, o sujeito disártrico

se coloca como sujeito de linguagem. Nesse sentido, a partir da mediação com o pesquisador/mediador o sujeito disártrico se relaciona com o meio em que vive, com a cultura, com a língua e com ele mesmo enquanto sujeito de linguagem que reconhece e lida com a sua patologia.

No quadro abaixo, constam dados que foram transcritos e analisados para uma melhor observação do trabalho de reorganização da fala de RA, realizado nesse momento por meio da leitura e com base nos pressupostos linguísticos e neurolinguísticos.

Quadro 1 - Fragrâncias Importadas

Sessão: 04-12-12

Contexto: RA e Idp conversam sobre um panfleto de propagandas de fragrâncias originais importadas, distribuído por uma colega do grupo. RA realiza a leitura, com dificuldades, seguindo o modelo padrão direcionado por Idp.

<p>Início da Leitura:</p> <p>1'- RA: Empresa / em plena/ <expansão> / procura // <distribuidores> / independentes.*</p> <p>2'- Idp: Eu vou ler pra você ver qual é o meu ritmo:</p> <p>Empresa em plena expansão / procura distribuidores independentes.</p> <p>3'- Idp (aponta o momento em que as pausas deveriam ocorrer)</p> <p>4'- RA: Empresa em plena expansão / <procura> <ditubuidores> <independentes>.</p> <p>RECORTE</p> <p>5'- Idp: Então vamos falar essa palavra aqui: distribuidores.</p> <p>6'- RA: <ditubuidores> (pouco legível e com o volume baixo)</p> <p>7'- Idp: dis...</p> <p>8'- RA: <dis::tribuidores>, <dis::tribuidores> (a palavra é pronunciada ainda com dificuldades, porém compreensível pelo interlocutor)</p> <p>9'- Idp: distribuidores... (?) (indicando para RA que é para ele pronunciar a palavra seguinte também).</p> <p>10'- RA: distribuidores <independentes>, <independentes></p>
--

*Símbolos: (1') indica a linha citada; (/) indica pausa; (//) indica pausa prolongada; (< >) indica palavra de difícil compreensão; (::) indica segmento produzido com prolongação.

Fonte: elaboração própria

Com base na transcrição do quadro 1, foi possível selecionar dados que demonstram as dificuldades na reorganização da linguagem de um sujeito disártrico, quando o padrão rítmico de sua fala foi alterado. No trecho analisado, RA pronuncia a frase com um número de pausas (indicado pelas barras) fora do padrão proposto pela língua, isso, em conjunto com suas dificuldades em manter, a depender do contexto, a estrutura silábica, fazendo com que a sua fala se torne incompreensível pelo interlocutor. Porém, a partir do instante em que houve

uma indicação do momento em que deveria ocorrer a pausa, RA realiza corretamente o direcionamento proposto por Idp, como indicado nas linhas 2 e 4. No entanto, RA apresenta dificuldades em realizar os segmentos internos nas palavras e também em pronunciar com um volume mais alto. Nesse sentido, o sujeito disártrico perde a precisão na produção dos movimentos necessários para a realização dos segmentos. Isso ocorre devido ao fato de RA direcionar a sua atenção ao ritmo correto da frase.

É possível observar que as repetições monitoradas pelo investigador fazem com que RA perceba onde está a sua dificuldade e como reorganizar o ritmo que foi alterado, como ocorre, por exemplo, nas linhas 4 e 8. Essa velocidade de fala faz com que alguns segmentos sejam produzidos com dificuldades, e até são omitidos a depender do contexto em que estejam inseridos, indicado nas linhas 6 e 8, quando RA pronuncia a palavra *distribuidores*, omitindo o segmento *s* no final da primeira sílaba, e o *r* do encontro consonantal da segunda. Ao repetir as palavras, RA busca, a cada reprodução, encontrar uma forma de superar suas dificuldades, como mostra a linha 8, até que, com a ajuda do mediador, consegue pronunciar melhor os segmentos antes não produzidos.

4.2 As pausas de um disártrico e um não disártrico: análise comparativa

A fala é organizada por unidades que formam um contínuo e deve ser pronunciada obedecendo à colocação dessas unidades em certos espaços dentro da frase, seguindo determinada cadência rítmica. A falta dessa cadência rítmica é uma das características da fala disártrica.

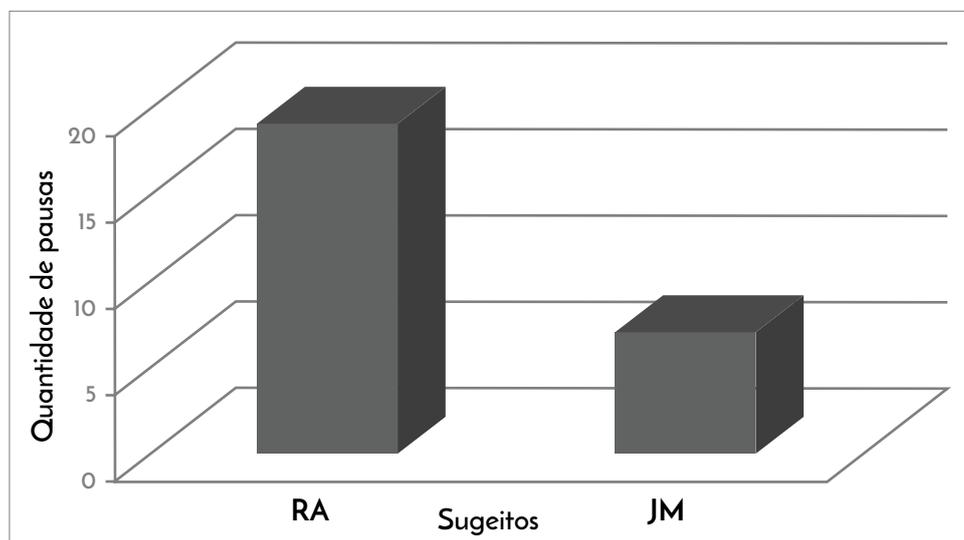
Apesar de as pausas serem uma unidade rítmica na fala, como mostrada anteriormente, a fala de RA se destaca pela presença constante dessas unidades, o que passa a sensação para quem o ouve de uma fala cortada, sempre interrompida. Mas essas pausas de fato superam a quantidade de pausas usadas por uma pessoa sem disartria ou qualquer outro problema de fala?

Em um esforço para compreender o padrão rítmico da fala de RA, foi feita a comparação do número de pausas usadas por RA com o número de pausas usadas por JM, sujeito não disártrico, durante leitura do parágrafo abaixo:

Hoje em dia as pessoas têm condições de saber tudo o que se passa em seu meio e no mundo. Além disso, podem também comunicar-se facilmente com pessoas que estão distantes. Isso ocorre devido ao desenvolvimento dos diversos meios de comunicação. (DIEZ, 2001, p. 121-2)

Por meio da comparação da colocação de pausas realizadas por RA e JM, na leitura do parágrafo acima, foi obtido o seguinte gráfico:

Gráfico 1 - Número de pausas realizadas por RA e JM na leitura do parágrafo



Fonte: elaboração própria

No gráfico 1, observa-se que RA, durante a leitura do parágrafo citado, insere dezenove pausas, ao passo que JM, sujeito sem disartria, insere apenas seis pausas na leitura do mesmo trecho. Nesse sentido, pode-se afirmar que RA realiza marcação de pausas de forma diferente de uma marcação prototípica. Assim, observa-se, que em termos de quantidade de pausa, a fala de RA se diferencia em relação a sujeitos que não apresentam nenhum tipo de comprometimento no funcionamento da linguagem oral.

Em virtude da colocação excessiva de pausa, o contínuo sonoro da fala de RA é interrompido com mais frequência, causando dificuldades no ato da enunciação, o que faz com que o encadeamento da fala não seja realizado como o esperado em uma fala normal.

Diante desse número excessivo de pausas, RA interrompe o fluxo da fala em momentos inesperados, como pode ser observado na análise da colocação de pausas descritas no quadro 2 a seguir, através da leitura do parágrafo:

Quadro 2 - Análise comparativa da localização de inserção de pausas feitas por RA durante a leitura do parágrafo

Hoje em dia / - as pessoas têm / condições / de saber * / - tudo / o que se / passa em seu meio / * e no mundo. * / - Além disso, * / - podem também comunicar-se / facilmente / - com pessoas / que estão distantes. * / - Isso ocorre, * - devido / ao desenvolvimento / * dos diversos meios de comunicação.

Onde:

- Pausa inserida por **RA** ⇨ indicada por (/);
- Pausa inserida por **JM** ⇨ indicada por (*);
- Pausa onde deveria acontecer pausa e não ocorreu ⇨ indicada por (-).

Fonte: elaboração própria

A língua possibilita à leitura do texto acima uma colocação diversa de pausas a depender do leitor e da sua entonação. Porém, essas diferentes colocações são de modo geral previstas e tidas como normais por diferentes leitores. No entanto, ao ser analisada a colocação de pausas feitas por um leitor disártrico, percebe-se um desvio do que seria considerado como padrão pela maioria das pessoas.

Observa-se, no intervalo em que ocorre os sinais (/), (*), (-), uma coincidência entre as pausas de RA, (/), JM, (*) e onde deveria acontecer a pausa, (-). A pausa inserida por RA ocorre em quase todo momento, sendo difícil não haver coincidência em relação ao que deveria acontecer e não acontece. Somente em um momento RA não inseriu a pausa onde deveria de fato existir. Porém, isso não é regra, visto que a língua permite possibilidades de leituras e interpretações. Em contrapartida, nota-se uma ocorrência de pausas em momentos em que não são esperadas as pausas, produzindo, assim, um número excessivo de interrupções do contínuo da fala, o que faz com que a fala de RA se torne ininteligível para quem o ouve, devido à velocidade da fala e ao número excessivo de pausas. Percebe-se que RA foge totalmente ao que seria do padrão linguístico, o que ocorre devido às consequências da disartria.

CONCLUSÃO

A análise dos dados permite observar que o funcionamento da linguagem verbal de RA é caracterizado por alterações rítmicas que interferem na compreensão por parte dos interlocutores. Essas alterações dizem respeito, mais especificamente, ao número e local em que essas pausas acontecem. As análises apontam as alterações rítmicas como consequência da velocidade de fala e do uso incorreto de pausas, o que prejudica de forma significativa a estrutura interna das palavras, em especial das sílabas, quando são pronunciadas de forma rápida. Como consequência da velocidade de fala, RA produz repetições como alternativa de correção e retomada de sua fala.

Investigou-se, então, os aspectos linguísticos na linguagem oral de RA, com vistas a compreender o funcionamento de sua linguagem. Dessa forma, observa-se a importância de práticas discursivas (Cf. COUDRY 1988) para a reorga-

nização lexical na fala de RA. Nesse momento, foi de fundamental importância a intervenção do investigador como mediador entre o sujeito e a retomada de sua linguagem em situações de dificuldades linguísticas, apresentando, via leitura em conjunto, um modelo de ritmo e pausas.

REFERÊNCIAS

- BALIEIRO JR., A. P. *O sujeito que se estranha: manifestações de subjetividade na afasia*. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: [s.n.], 2001.
- CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, n. 23, jul./dez. 1992, p. 137-151.
- _____. L. C. *Dossiê Prosódia*. 2002.
- _____. L. C. *Elementos de fonética do Português Brasileiro*. São Paulo: Paulistana, 2007.
- COUDRY, M. I. H (1986/88). *Diário de Narciso: Discurso e Afasia*. São Paulo: Martins Fontes.
- CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- DIEZ, A. G. *Segredos da Bahia: história*. São Paulo: FTD, 2001, p.121-122.
- FELIZATTI, P. *Aspectos fonético-fonológicos da disartria pós-traumática: um estudo de caso*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 1998.
- FREIRE, F. M. P. *Agenda Mágica: linguagem e memória*. Tese de Doutorado. Campinas: Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2005.
- ILIOVITZ, E. R. VOTE. Disartria: alguns resultados preliminares. *Revista Estudos Linguísticos*, XXXIII, 2004, p.1329- 1334.
- LEMONS, D. C. H. *Disartria*. Rio de Janeiro: Enelivros, 1984.
- MELLE, N. *Guía de intervención logopédica em la disartria*. Madrid: Editorial Sintesis, 2007, p.13-14.
- MURDOCH, B. E. *Disartria: uma abordagem fisiológica para avaliação e tratamento*. São Paulo: Editora Lovise, 2005, p. 17.
- RODRIGUES, N. *Neurolinguística dos distúrbios da fala*. São Paulo: Cortez: EDUC, 1989, p. 219.
- VIEIRA, J.M. *Para um estudo da estruturação rítmica na fala disártrica*. Tese de Doutorado. Campinas: Departamento de Linguística, Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2007.